

Em Salvador, prossegue o II Festival Nacional de Teatro Amador

O II Festival Nacional de Teatro Amador, prossegue em Salvador. Ontem foi apresentada a peça "As Folhas do Latex", com o Teatro Experimental de Manaus. Na terça-feira, houve um debate sobre a montagem de "O Capeta de Caruaru", realizada pelo Teatro Estúdio de Vitória, representante oficial do Espírito Santo, além da apresentação de "Esperando Godot", de Samuel Becket, pelo Grupo Engenho de Teatro, de Petrópolis.

Do enviado especial André Roberto

Foi realizado também um debate sobre a peça do Espírito Santo, "O Capeta de Caruaru", montada pelo Teatro-Estúdio, como parte das programações do Festival.

O debate foi realizado no Teatro Castro Alves, com a presença de inúmeros participantes e sob a orientação dos críticos Ilka Marinho Zanotto ("Estado de São Paulo"), Tânia Pacheco ("O Globo"), Macksen Luis ("Jornal do Brasil"), Lucínio Rios Netto ("A Notícia"), Alberto Guzik, ("Última Hora"), Carlos Godoy ("Visão"), Paulo Lara ("Folha da Tarde") e Hilton Vianna ("Diário de São Paulo").

O debate começou com perguntas sobre a formação do Teatro-Estúdio e seus objetivos. Então iniciou-se um debate acirrado sobre a encenação de "O Capeta", quando sentiu-se nitidamente as várias correntes existentes entre os críticos, patenteando que uma metade preocupava-se com os aspectos políticos (principalmente os críticos Tânia Pacheco e Lucínio Rios Netto) enquanto outra parte identificava-se ou preocupava-se mais com o trabalho de direção com os atores, as soluções cênicas, a criação dos personagens.

Enquanto a visível preocupação de Tânia Pacheco e Lucínio Rios era saber até que ponto havia uma conscientização política entre os elementos do grupo, sem levar o debate em termos de um espetáculo, outros críticos, principalmente Ilka Marinho Zanotto, Alberto Guzik e Macksen Luis — faziam suas perguntas com o objetivo de descobrir os meios de criação de cada personagem, as soluções de direção para cada cena, os problemas enfrentados.

A visível preocupação por parte dos amadores presentes ao debate era com relação às péssimas condições do palco do Teatro Vila Velha, uma vez que caberia também a eles se apresentarem lá.

Ao final dos debates, ficou clara a boa receptividade da crítica quanto à encenação do Teatro-Estúdio, tendo Ilka Marinho Zanotto afirmado ter sido "um milagre uma realização destas em apenas quatro meses de existência do Teatro-Estúdio, "é que o espetáculo possui uma imaginação fora do comum, uma tamanha quantidade de detalhes e uma fantasia tão deslumbrante que se torna pequeno para tanta criatividade". Na opinião de outro crítico, "a única falha está na limitada exploração política, quando poderia ser mais explorada, apesar do excelente trabalho de direção de atores". Gianni Ratto fez uma ressalva quanto ao cenário ser muito complexo, quando poderiam ser usadas escadas em lugar de casas, embora isto fosse apenas um detalhe dentro de um espetáculo que ele considera excelente.

Finalizando, a mesa diretora dos debates afirmou ter sido realizado um trabalho dos mais importantes para o desenvolvimento do teatro capixaba, incentivando o grupo a continuar apresentando a peça em outros lugares, principalmente no interior do Espírito Santo.

Absurdo

Dentro da linha mais pura do teatro o absurdo, "Esperando Godot" tornou-se a maior representante deste tipo de teatro. A encenação pelo Grupo Engenho de Petrópolis procurou acentuar estas características acreditando que "a função de Godot parece ser a de manter inconscientes os que dependem dele" (numa frase usada pelo grupo e atribuída a Eva Metman, psicóloga Junguiana).

"Esperando Godot" foi apresentada na terça-feira numa pequena sala que serve como teatro de arena do ICAB — Instituto Cultural Brasil-Alemanha.

Aproveitando a tradução de Flávio Rangel, o Grupo Engenho de Teatro montou o espetáculo com a seguinte equipe: Henry Pagnoncelli (Vladimir), Doris Martinelli (Estragon), Dante de Paola (Pozzo), Eliane de Mattos (Lucky) e Guilherme (Mensageiro). Os cenários e figurinos ficaram por conta da equipe, enquanto a iluminação foi realizada por Ney Helou e a direção foi de Marcos Fayad.

Um cenário muito simples: folhas espalhadas pelo chão, uma árvore de madeira bem estilizada, de onde balançam folhas presas com barbante.

Durante três horas, dois homens vestidos de preto, com pequenos chapéus-coco, agem em busca da descoberta do próprio "eu", da própria identidade. A monotonia da peça — não da encenação — é evidente, cansativa, sem opções. A verdade é que um espetáculo de Becket com três horas de duração após um dia inteiro de aulas, ônibus, discussões e debates, já no terceiro dia de Festival, acaba indispondo o espectador contra a peça.

Não resta dúvida de que o Grupo Engenho de Teatro possui atores muito bons, dominando conscientemente sua técnica principalmente em se tratando de teatro de arena, quando o espectador se encontra a menos de meio metro do ator, em determinados momentos ou, no máximo, a quatro metros de distância. E a experiência parece ter ajudado muito.

O Grupo Engenho de Teatro existe há quatro anos, uma vez que sua estréia se deu em 1972 (ainda com o nome Tempe — Teatro de Medicina de Petrópolis), com a peça de Grangeio Crespo "Ritual Para Apressar o Futuro". Em 1973 apresentou "Dois Perdidos Numa Noite Suja", de Plínio Marcos, enquanto o "Fausto", de Marlowe, não pôde ser apresentado. Em 1974, montaram a peça de Alves Redol "O Jogo dos Mitos Cansados", premiado no Festival Nacional de Teatro Amador, quando este ainda era realizado com o objetivo de premiar grupos e peças. Em 1975 foi a vez de "O Diário de um Louco", de Gogol, tendo outra parte do grupo apresentado "O Visitante", do escritor goiano Miguel Jorge. Em 1976 apresentaram em Petrópolis e Goiânia o trabalho coletivo "A Lucidez da Loucura" e finalmente a peça atual, "Esperando Godot". O Grupo Engenho está atualmente preparando a encenação de duas peças "A Recompensa", de Miguel Jorge, e "Os Degraus", de Augusto Sobral, mostrando a preferência pelos autores portugueses e goianos.

Amazônia

Dando prosseguimento ao II Festival Nacional de Teatro Amador, foi apresentada ontem a peça de Márcio de Souza "As Folhas do Latex", pelo Teatro Experimental do Sesc de Manaus.

O texto de Márcio Souza foi premiado no Concurso Literário da Prefeitura de Manaus, em 1976. Segundo o autor, trata-se de uma tentativa de revigorar a dramaturgia regional brasileira, "quer em seu aspecto formal, como também pelo prisma da concepção do espetáculo. A peça preocupa-se fundamentalmente com o processo de desenvolvimento histórico da região amazônica. A direção é do próprio autor e a peça conta em seu elenco com Herbert Braga, Ediney Azancot, Conceição Monteiro, Moacir Bezerra, Custódio Rodrigues e outros.



Gianni Ratto, diretor da peça "Gota D'Água", está em Salvador e elogiou muito a montagem capixaba de "O Capeta de Caruaru".